para os educadores é criar uma sala de aula onde possam existir diferenças de qualquer tipo.

Deve-se valorizar a inclusão dos educandos, refletir e reestruturar a formação continuada dos docentes, ou seja, repensar as práticas. Se não acreditar no valor e na importância de sua realização, se não se sente capaz de conduzir alguma transformação, não há chance de que ele esteja proporcionando uma educação para a melhoria do ensino e aprendizagem.

Os docentes e à comunidade escolar devem se adequar à realidade em que se encontram e buscarem a educação e a formação complementar para aprimorar as práticas educativas, incluindo a educação especial para que seja justa.

Por essas razões, seria importante haver um profissional de arte capaz de desenvolver técnicas baseadas no conceito de Arteterapia para considerar a educação inclusiva. Além de ensinar o conteúdo da disciplina, deve-se trazer diferentes materiais e linguagens, ele poderia ajudar os educandos a se expressarem através artes, seus conflitos internos, a fim de superá-los e alcançar qualidade de vida.

Assim, deve-se ampliar o diálogo existente entre a arte e a prática terapêutica na educação. Com isso em mente, recomenda-se estudos futuros realizados por pesquisadores, artistas visuais e docentes de arte para ampliar a compreensão da relação entre arte e educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E.S. de. Criatividade no Contexto Educacional: Três Décadas de Pesquisa. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, Vol. 23 n. especial, pp. 045-049, 2007.

ARANHA, M.A. História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil. 3 Ed. – revisada e ampliada – São Paulo: Moderna, 2006.

AZEVEDO, D.M.; MIRANDA, F.A.N. Oficinas terapêuticas como instrumento de reabilitação psicossocial: percepção de familiares. Esc Anna Nery, v. 15, n. 2, p. 339-45, 2011.

BORDIN, V. Arteterapia em Saúde Mental. 6º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais e 2º Seminário de Direitos Humanos. 2014. Toledo. Arteterapia em Saúde Mental. Disponível em:. Acesso em: 06 mar 2022.

CAGNONI, B.; MATTOS, M.F.da S.C.G. A releitura de obras de arte na educação infantil: atividade ou um caminho para a criatividade?. Plures: humanidades, Ribeirão Preto, SP, [s.d.], v. 10, n. 12, p. 78-9. 2009.

CARRANO, E. Materiais de arte: sua linguagem subjetiva para o trabalho terapêutico e pedagógico. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

CIORNAI, S. Percursos em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004.

COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. Desenvolvimento psicológico e educação. Porto Alegre. Artes Médicas, 1995.

FERNANDES, A. A inteligência aprisionada. Porto Alegre: Artmed, 1990.

FRANCISQUETTI, A.A. A arte em um centro de reabilitação. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 12, n. 1, p. 34-38, 1992. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S14149893199200. Acesso em: 14 mar. 2022.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDSCHMIDT, L. Sonhar, pensar e criar. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

SANTOS, V.O. Arteterapia na Educação. Rio de Janeiro.2003. Monografia (Especialização em Arteterapia na Saúde na Educação) – Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.avm.edu.br/monopdf/2/VANIA%20OLIVEIRA%20SANTOS.pdf. Acesso em: 08 ma. 2022.

REIS, A.C. dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo. Psicologia: Ciência e Profissão, p. 142-157, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pcp/v34n1/v34n1a11. Acesso em: 11 mar. 2022.

RUTZ, T.B. Educação inclusiva e ensino de arte, percalços entre teoria e prática. 2010. 27 f.

SILVEIRA, N. O mundo das imagens. São Paulo: Ática, 2001.

TOMMASI, S.B.(org.). Arteterapeuta: um cuidador da psique. 1ªed. São Paulo, 2011.

URRUTIGARAY, M.C. Arteterapia e transformação pessoal pelas imagens. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

VASQUES, M.C.P.C.F. A Arteterapia como instrumento de promoção humana de saúde mental. Pós graduação. Universidade estadual Paulista. Batucatu, São Paulo. 2009.

DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA:UM NOVO OLHAR PEDAGÓGICO

MARIA APARECIDA DE ANDRADE

RESUMO

Reconhecendo a importância a e relevância da temática em discussão, o presente texto acredita ser fundamental levar o professor a refletir que vivemos em um mun-

do de diversidades, onde a individualidade humana deve ser respeitada, reconhecida e aceita, uma vez que, comprovadamente somos diferentes uns dos outros, o que faz com que todos nós tenhamos capacidades e limitações para aprender. Neste contexto, cabe ao professor reconhecer seu papel de mediador de aprendizagens, para todos os alunos, devendo ser esta mediação desprovida de preconceito, estigma e exclusão.

Vale destacar que não é nosso objetivo, transformar a escola em um serviço de assistência social, desconsiderando seu papel de promotora de novos conhecimentos necessários ao exercício de cidadania consciente, uma vez que sua função é capacitar o aluno para ser um agente transformador da sua realidade social. Mas, queremos enfatizar que o direito de emancipação humana é de todos, devendo a escola e os seus professores, buscar alternativas diferenciadas para atingir seus diferentes grupos de acadêmicos, evitando desta forma, a exclusão e, consequentemente, a discriminação.

Palavras-Chave: reflexão; discriminação; cidadania; consciência; diversidade.

INTRODUÇÃO

Vivemos hoje em uma época de globalização, tanto da economia quanto das tecnologias e informações que vêm sendo modificadas constantemente e refletem diretamente na cultura da sociedade.

Estes progressos como os avanços na medicina, os computadores, meios de comunicação, meios de transporte..., facilitam a nossa vida, trazendo conforto e inovação. A educação deve progredir no mesmo ritmo, acompanhando os progressos e trabalhando em vistas para diminuir as desigualdades que se originam devido aos avanços, visto que há pessoas que ficam desprovidas dessas inovações.

Para tanto, faz-se necessário proporcionar esses "confortos", também para aqueles que não têm acesso, e a ponte mediadora entre essas diferenças é a escola.

Gadotti (2000, p 41) questiona-se quando fala: "que tipo de educação necessitam os homens e as mulheres dos próximos 20 anos, para viver este mundo tão diverso?" Certamente, eles e elas, necessitam de uma educação para a diversidade, necessitam de uma ética da diversidade e de uma cultura da diversidade.

Uma escola que eduque para a pluralidade cultural, que perceba o outro como legítimo outro, o qual possui uma história, uma cultura, uma etnia e que perceba a turma de alunos como heterogênea, visto que cada aluno possui um diferencial, pois provém de lugares, culturas e famílias distintas, apresentando ritmos diferentes para aprender, o que caracteriza a pluralidade no espaço escolar.

A escola de hoje precisa encontrar seu caminho para a diversidade, engajando as crianças no mundo das diferenças, preparando-os para ser legítimos cidadãos. Na sala de aula há alunos de diversas culturas, o que requer do professor um olhar diferenciado para seu planejamento, bem como para o currículo escolar, através de adaptações aos conteúdos e atividades desenvolvidas em sala de aula. Também é importante pesquisar a história dos alunos para que o conteúdo a ser estudado esteja de acordo com seus interesses e realidade.

Gadotti (2000, pg. 56) salienta que somente uma educação multicultural pode dar conta desta tarefa.

A educação multicultural se propõe a analisar, criticamente, os currículos monoculturais atuais e procura formar criticamente os professores, para que mudem suas atitudes diante dos alunos mais pobres e elaborem estratégias instrucionais próprias para a educação das camadas populares, procurando, inicialmente, compreendê-las na totalidade de sua cultura e de sua visão de mundo.

A diversidade cultural é um fator muito importante de ser analisado no sistema de ensino, pois é a forma de mostrar aos alunos que existem muitas culturas além da que eles estão acostumados a ver. Também devido ao fato de proporcionar uma formação mais ampla aos alunos, no sentido de fazer com que eles interajam com a realidade se autodescobrindo e descobrindo coisas novas, pois muitas vezes o aluno desconhece a sua própria cultura.

Hoje o trabalho desenvolvido nas escolas deve estar voltado para atender todo tipo de diferença, tendo em vista o processo de mudança que vem ocorrendo na sociedade. O "diferente" torna-se muito mais presente no nosso dia a dia, visto que a cada lugar que frequentamos encontramos alguém diferente, seja com um visual, aparência, sexo, deficiência, cultura, etnia entre outros. Assim, acredita-se que desde a Educação Infantil, os programas educacionais devem estar voltados à diversidade, para que a criança aprenda a respeitar, viver e se construir nesse contexto.

Para tanto, é necessário que a sociedade também valorize as diversidades e que os meios de comunicação também colaborem, ajudando, por exemplo, a não incentivar a violência a homossexuais, travestis, lésbicas, entre outros, pois a escola não deve ser o único fator de mudança, é preciso que toda a sociedade se conscientize. Segundo Gomes (1999) o reconhecimento dos diversos recortes dentro da ampla temática da diversidade cultural (negros, índios, mulheres, deficientes, homossexuais, entre outros) coloca-nos frente a frente com a luta desses e outros grupos em prol do respeito à diferença.

A luta dos educadores pelos direitos e pelo reconhecimento das diferenças não pode ser dar de forma separada e isolada. É preciso que políticas governamentais apoiem os pro-

gramas educacionais, bem como os meios de comunicação, os quais tem forte influência de persuasão.

O professor não pode pensar que a inclusão, é exclusividade de deficientes e que para esta acontecer basta adaptar o espaço físico e ter profissionais qualificados. Isto é preciso, mas não é o suficiente, porque uma escola com olhar voltado para a inclusão social, jamais irá pensar somente no deficiente, mas sim em todo tipo de diferença que existe e que surge a cada dia. Além de oferecer espaço físico adequado, é necessário que a escola prepare as novas gerações para esta educação, voltada para a diversidade.

Através desta perspectiva, acredita-se que irão se romper as barreiras negativas construídas ao longo do processo histórico, "o preconceito".

De acordo com Perrenoud (2001, p. 69)

No início do ano, um professor de ensino fundamental depara-se com 20 a 25 crianças diferentes em tamanho, desenvolvimento físico, fisiologia, resistência ao cansaço, capacidades de atenção e de trabalho; em capacidade perceptiva, manual e gestual; em gostos e capacidades criativas; em personalidade, caráter, atitudes, opiniões, interesses, imagens de si, identidade pessoal, confiança em si; em desenvolvimento intelectual; em modos e capacidades de relação e comunicação; em linguagem e cultura; em saberes e experiências aquisições escolares; em hábitos e modo de vida fora da escola; em experiências e aquisições escolares anteriores; em aparência física, postura, higiene corporal, vestimenta, corpulência, forma de se mover; em sexo, origem social, origem religiosa, nacional ou étnica; em sentimentos, projetos, vontades, energias do momento...

Segundo o autor, parece que nunca terminaríamos de citar as inúmeras diferenças que permeiam o espaço escolar e a sociedade no geral e, devido a isto, acreditamos que não se deve esquecer a particularidade do sujeito, pois cada vez mais o "diferente" aparece, seja na forma de aprender, de se comunicar, ou na de refletir etc. Para tanto, é importante, valorizar o espaço social, ampliar ações e principalmente, reconhecer que as crianças e adolescentes precisam sonhar, ter oportunidades, não importando qual a sua diferença.

Mudar não é tarefa fácil e todos sabemos disso, mas o prazer da mudança surge quando a própria escola se torna espaço o espaço de (trans)formação. E somente através desta prática (trans)formadora é que poderemos construir uma sociedade mais justa, que incluem e não exclui, que perceba a escola como espaço de construção, através da valorização das individualidades, do respeito para com as diferenças, com a cultura de cada um, onde a educação é o elemento essencial para um mundo melhor.

Reconhecendo a importância a e relevância da temática em discussão, o presente texto acredita ser fundamental levar o professor a refletir que vivemos em um mundo de diversidades, onde a individualidade humana deve ser respeitada, reconhecida e aceita, uma vez que, comprovadamente somos diferentes uns dos outros, o que faz com que todos nós tenhamos capacidades e limitações para aprender.

Neste contexto, cabe ao professor reconhecer seu papel de mediador de aprendizagens, para todos os alunos, devendo ser esta mediação desprovida de preconceito, estigma e exclusão. Nesse sentido, Amaral (1998), ressalta que a educação precisa prestar um bom serviço à comunidade, buscando atender as especificidades dos alunos que chegam à escola, cabendo à educação adequar- se às necessidades dos alunos e não os alunos às necessidades e limitações escola.

Vale destacar que não é nosso objetivo, transformar a escola em um serviço de assistência social, desconsiderando seu papel de promotora de novos conhecimentos necessários ao exercício de cidadania consciente, uma vez que sua função é capacitar o aluno para ser um agente transformador da sua realidade social. Mas, queremos enfatizar que o direito de emancipação humana é de todos, devendo a escola e os seus professores, buscar alternativas diferenciadas para atingir seus diferentes grupos de acadêmicos, evitando desta forma, a exclusão e, consequentemente, a discriminação.

Acredita-se, portanto, ser necessário oferecer subsídios aos professores para auxiliá-los na condução de sua prática pedagógica inclusiva, deste modo, o presente texto tem por objetivo ressignificar o pensar e o agir do professor, frente ao processo de ensino e aprendizagem no contexto de uma escola aberta às diferenças, levando-os à prática da ação-reflexão-ação.

Esta unidade pedagógica está organizada de forma que leve o leitor a inteirar-se de uma breve visão da educação contemporânea, conhecer os atuais desafios da profissão docente, compreender o conceito de diversidade e educação para todos, bem como o conceito de inclusão; reconhecer os princípios norteadores de uma educação inclusiva, além de apresentar e caracterizar o universo da diversidade, bem como, apresentar caminhos que anunciam uma ação docente que colabora efetivamente com a construção de uma escola pública sem preconceitos e exclusões.

EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

A sociedade contemporânea vem sofrendo muitas interferências políticas, econômicas, sociais, tecnológicas, fazendo com que mudanças também ocorram dentro das escolas, uma vez que o ensino precisa compreender quais são os conhecimentos necessários para capacitar o aluno e torná-lo agente de transformação social.

Deste modo, é importante ressaltar que a escola não é a única detentora de saber, visto que os meios de comunicação de massa e as tecnologias estão muito presentes na atualidade. Pensando sobre esta nova realidade escolar

Heerdt (2003, p. 69) diz, “o grande desafio, sem dúvida, não é o de estar ciente destas transformações, mas sim integrá-las e contemplá-las no trabalho educacional.”

Assim, a escola precisa promover um resgate da sua função de promotora de novos conhecimentos, buscando refletir criticamente sobre as ações e condutas cotidianas, tendo em vista desenvolver novas formas de atuar na educação que promova o sucesso do aluno. Ao adentrar este universo da ação- reflexão-ação, é necessário que a equipe escolar busque respostas para os seguintes questionamentos acerca do currículo: Qual é a concepção de mundo, de homem, de sociedade, de conhecimento, de ensino e de aprendizagem que o nosso currículo possui?

Buscar respostas para estas indagações demonstra que a comunidade escolar visualiza o currículo como uma ferramenta que ajuda o professor a mediar a aquisição de novos conhecimentos, principalmente quando reconhece o valor dos conhecimentos prévios dos alunos – conhecimento real, e compromete-se em levar o aluno a adquirir o conhecimento científico – conhecimento ideal, ao considerar o currículo como dinâmico, transformador e articulado com a prática social.

Na atual instituição educacional não se admite mais currículos que não sejam críticos, que desafiem os alunos, que os levem a pensar, a refletir, a buscar, a se tornar pessoas ativas no processo de construção de novas aprendizagens, cujo objetivo dever ser capacitar os alunos a sua emancipação cultural e assim, não serem pessoas passivas e submissas frente a uma situação imposta pela sociedade.

Na Educação Contemporânea é necessário que a escola se preocupe com o desenvolvimento de um sistema de ensino interconectado com os problemas da sociedade atual, abolindo a velha estruturação um ensino fragmentado e descontextualizado da realidade.

Vale destacar que o professor e a escola na educação contemporânea, possuem um papel fundamental, o de levarem os alunos a desenvolverem a sua capacidade crítica para analisarem as informações que recebem e assim, desenvolverem o seu senso crítico. Neste contexto, o processo de aprendizagem na educação contemporânea é visto numa perspectiva globalizante e multidimensional, tendo o foco da educação voltado para o aluno, uma vez que o processo educativo leva em conta as suas peculiaridades, considerando-o integralmente.

Deste modo, reconhece-se que o aluno do século XXI precisa desenvolver-se de forma global, assim, o processo de ensino e aprendizagem não poderá acontecer por áreas de desenvolvimento, mas, sim, de forma que contemple os aspectos cognitivos, afetivo, sociocultural e da comunicação, indissociáveis, já que as fontes de informação, de solução de problemas, de investigação e de crítica não são adquiridas apenas nas experiências escolares, mas, principalmente, da interação do sujeito com o ambiente, com as experiências de vida e com a sua cultura.

A construção do conhecimento na Educação Contemporânea deve ocorrer coletivamente e estar voltada para questões que contemplem as diferenças, ou seja, a diversidade humana que compõe a escola, sendo necessário para isso, incluir questões a serem discutidas e/ou refletidas tais como: etnia, raça, gênero, classe, sexo, entre outras, valorizando todo o conhecimento que os diferentes grupos trazem para a sala de aula, enriquecendo muito mais o ensino e a aprendizagem, onde, infelizmente acabam sendo despercebidos ou ignorados por muitos professores.

O QUE É DIVERSIDADE CULTURAL

Diversidade cultural são os vários aspectos que representam particularmente as diferentes culturas, como a linguagem, as tradições, a culinária, a religião, os costumes, o modelo de organização familiar, a política, entre outras características próprias de um grupo de seres humanos que habitam um determinado território.

A diversidade cultural é um conceito criado para compreender os processos de diferenciação entre as várias culturas que existem ao redor do mundo. As múltiplas culturas formam a chamada identidade cultural dos indivíduos ou de uma sociedade; uma "marca" que personaliza e diferencia os membros de determinado lugar do restante da população mundial.

A diversidade significa pluralidade, variedade e diferenciação, conceito que é considerado o oposto total da homogeneidade. Atualmente, devido ao processo de colonização e miscigenação cultural entre a maioria das nações do planeta, quase todos os países possuem a sua diversidade cultural, ou seja, um "pedacinho" das tradições e costumes de várias culturas diferentes.

Algumas pessoas consideram a globalização um perigo para a preservação da diversidade cultural, pois acreditam na perda de costumes tradicionais e típicos de cada sociedade, dando lugar às características globais e "impessoais”. Com o intuito de tentar preservar a riqueza da diversidade cultural dos países, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) criou a "Declaração Universal sobre a

Diversidade Cultural".

A Declaração da UNESCO sobre Diversidade Cultural reconhece as múltiplas culturas como uma "herança comum da humanidade",

e é considerada o primeiro instrumento que promove e protege a diversidade cultural e o diálogo intercultural entre as nações.

DIVERSIDADE CULTURAL NO BRASIL

O Brasil é um país incrivelmente rico em diversidade cultural, devido a sua extensão territorial e a pluralidade de colonizações e influências que sofreu ao longo do processo de construção da sociedade brasileira.

As diferenças são bastante visíveis mesmo entre as diferentes regiões do país: norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul.

Nas regiões norte e nordeste, a predominância é das tradições indígenas e africanas, sincretizadas com os costumes dos povos europeus, que colonizaram o país.

Na região centro-oeste, onde predomina o Pantanal, existe ainda uma grande presença da diversidade cultural indígena, com forte influência da culinária mineira e paulista.

No sudeste e sul destacam-se costumes de origem europeia, com colônias portuguesas, germânicas, italianas e espanholas que, ainda hoje, mantêm a cultura típica de seus países de origem.

DIVERSIDADE CULTURAL INDÍGENA

A Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural prevê ações de preservação das múltiplas culturas de origem indígena e africana, como as línguas indígenas ameaçadas de extinção, além dos rituais e festas tradicionais do povo indígena e afrodescendente.

A diversidade religiosa está intrinsecamente relacionada com a cultura. O chamado sincretismo religioso conceitua o processo de mistura e diversificação de várias religiões reunidas dentro de uma sociedade.

No Brasil, por exemplo, a diversidade religiosa está na presença das várias crendices coabitando em um mesmo território, como os católicos, judeus, muçulmanos, hindus etc.

MULTICULTURALISMO

O multiculturalismo é a inter-relação de várias culturas em um mesmo ambiente. É um fenômeno social que pode ser relacionado com a globalização e as sociedades pós-modernas.

Alguns países apresentam uma maior multiculturalidade. Muito devido aos diferentes grupos de imigrantes recebidos, mas também por observar outros fatores de integração e o desenvolvimento de novas culturas a partir do choque cultural.

O multiculturalismo também pode ser chamado de pluralismo cultural, é um conceito da sociologia aplicado aos estudos em ciências sociais. A ideia de um grupo multicultural pressupõe que os grupos culturais estariam interligados, em função do contato que as culturas têm entre si.

A questão é correntemente debatida entre antropólogos e sociólogos de diferentes linhas de pensamento. Alguns estudiosos acreditam que esta visão multicultural não existe, e que houve uma imposição da cultura dominante com a chegada dos europeus e a subordinação das demais culturas.

Já outros pensadores veem diversos traços multiétnicos e defendem a existência das múltiplas culturas que se integram mutuamente e que coabitam em harmonia justamente em função da possibilidade das relações globais.

O conceito de multiculturalismo tem grande influência do relativismo cultural, que questiona a ideia de que os hábitos e costumes de um grupo poderiam ser superiores a outros.

Esta ideia de que as culturas são diversas e devem ser respeitadas na sua essência, sem existir um certo ou errado nos costumes, é a base do Multiculturalismo no Brasil é diretamente associado ao processo migratório desde a chegada dos portugueses em 1500. O Brasil se desenvolveu a partir de uma construção social entre os portugueses (europeus), os indígenas (povos originários) e os negros sequestrados e escravizados (de diversos territórios africanos).

Ao longo dos séculos, o território brasileiro recebeu holandeses, franceses, espanhóis, italianos, japoneses, alemães e outros imigrantes, fazendo transformando a cultura brasileira.

Internacionalmente, o Brasil é conhecido por ser um dos países que melhor recebe seus visitantes, tentando adequar-se para receber bem as culturas alheias e com uma forte marca cultural própria.

A diversidade étnica dos próprios brasileiros é outra forte característica multicultural. As diferentes cores de pele, os diversos costumes compartilhados, diferentes de credos religiosos, tudo isso faz parte do conjunto multicultural.

Entretanto, essa multiculturalidade não pode ser confundida com o mito da democracia racial, que afirma que há uma perfeita igualdade étnica no país.

MULTICULTURALISMO E EDUCAÇÃO

A questão do multiculturalismo é de extrema importância na área da pedagogia e educação. É interessante que os professores levem tais discussões para dentro de sala de aula para criar um ambiente que possa integrar as diferenças, e assim despertar problematizações como as questões de racismo e preconceito entre os alunos.

O multiculturalismo aplicado à educação envolve práticas pedagógicas que desper-

tem os alunos para a diversidade dos grupos culturais. É importante que se aprenda a respeitar as diferenças e que se defrontem com assuntos como identidade cultural e de gênero.

Essas práticas são essenciais para que haja a formação em valores que contribuem para uma sociedade multicultural mais justa e que respeite as diversidades.

A obrigatoriedade de ensino da história da África e da cultura afro- brasileira, por exemplo, é uma das ações afirmativas pelo multiculturalismo na educação. Incentiva que o professor e os alunos saiam do eixo de estudos euro- centrados que tradicionalmente as escolas brasileiras propõem.

Para que haja multiculturalismo, todas as culturas devem possuir o mesmo valor no sistema educativo, a invisibilização reforça a perspectiva etnocêntrica.

A coexistência de diversos grupos culturais as em um mesmo lugar é um exemplo de multiculturalidade e representatividade. Como quando temos em uma mesma sala de aula alunos e alunas afrodescendentes, indígenas, caucasianos e asiáticos.

O respeito ao culto de diferentes religiões é um exemplo de multiculturalismo na nossa sociedade. Em lugares em que convivam de forma amistosa membros do candomblé, fiéis de igrejas evangélicas, seguidores do catolicismo, ateus, budistas, entre outras crenças, é um ambiente multicultural.

A música é um componente importante e presente em praticamente todas as culturas conhecidas. O reconhecimento de ritmos de outros grupos culturais, sem julgamento de que seriam melhores ou piores, é outro exemplo de multiculturalismo.

ETNOCENTRISMO

Etnocentrismo é um conceito da Antropologia definido como a visão demonstrada por alguém que considera o seu grupo étnico ou cultura o centro de tudo, portanto, num plano mais importante que as outras culturas e sociedades.

O termo é formado pela justaposição da palavra de origem grega "ethnos" que significa "nação, tribo ou pessoas que vivem juntas" e centrismo que indica o centro.

Um indivíduo etnocêntrico considera as normas e valores da sua própria cultura melhores do que as das outras culturas. Isso pode representar um problema, porque frequentemente dá origem a preconceitos e ideias infundamentadas.

Uma visão etnocêntrica demonstra, por vezes, desconhecimento dos diferentes hábitos culturais, levando ao desrespeito, depreciação e intolerância por quem é diferente. Em seus casos mais extremos, origina atitudes preconceituosas, racistas e xenófobas.

Este fenômeno universal pode atingir proporções drásticas quando culturas tecnicamente mais frágeis entram em contato com culturas mais dominantes e avançadas.

Exemplos de etnocentrismo

Um dos mais marcantes exemplos de etnocentrismo da história é o nazismo. O nazismo era a ideologia alemã pregada por Adolf Hitler, que defendia a superioridade da "raça ariana".

Segundo essa ideologia, os povos germânicos eram uma raça pura e superior, e todas as outras "raças" eram inferiores. Com base nessa ideia, os alemães exterminaram milhares de judeus e algumas outras etnias, o que ficou conhecido como o Holocausto.

Hitler ganhou apoio da população atribuindo aos judeus a culpa da situação precária em que a Alemanha se encontrava no final da Primeira Guerra Mundial.



Os judeus eram enviados aos campos de concentração, onde eram mortos ou forçados a trabalhar.

Outro exemplo de etnocentrismo foi a colonização europeia nas Américas. Ao chegarem em território americano, os europeus se depararam com povos de hábitos e culturas completamente diferentes.

Os europeus julgavam-se superiores aos povos originários e impuseram os seus costumes, tradições e religião. No Brasil, por exemplo, os indígenas foram obrigados a seguir a religião cristã e eram catequizados pelos jesuítas.

A crença de que eram culturalmente superiores aos indígenas e negros escravizados justificou violências e dominação, cujos reflexos são presentes na sociedade brasileira até os dias de hoje.

O relativismo cultural é uma corrente de pensamento ou doutrina que tem como objetivo entender as diferenças culturais e estudar o porquê das diferenças entre culturas distintas.

Enquanto o etnocentrismo tem uma vertente de confronto, o relativismo aborda as diferenças de uma forma apaziguadora.

É importante destacar que o relativismo cultural é uma ideologia que defende que os valores, princípios morais, o certo e o errado, o bem e o mal, são convenções sociais intrínsecas a cada cultura.